

O D E
P E L A
RESTAURAÇÃO DO PORTO
OFFERECIDA
A SUA ALTEZA REAL
P O R
MAÑOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES.



RIO DE JANEIRO.
1809.
NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. A. R.

X



4162
1957

A RESTAURAÇÃO DO PORTO.

O D E.

*Jam fulgor amplexu
Terret equos, equumque vultus.
Audire magnos jam videor duces
Non indecoro pulvere sordidos.*

Hor. L. 2. Od. 1.

DEscei do Olympo, honrados Lusitanos,
O ferro vencedor tomai na dextra,
Correi aos Patrios campos alagados
D'alluvião horrenda.

Tu, valente Sertorio, e Viriato,
Que as Águias triunfantes abateis,
Das Romanas cohortes espalhai
Por toda a redondeza.

Egas, Nunos, Corrêas e Menezes,
E quantos vós a Hesperia sustentando
O Throno Portuguez nos fortes hombros
Que nunca se acurvarão.

Vós a quem vio Atlante temeroso
 Banhar em sangue barbaro as urêas
 De Arzilla, Mazagão, Tanger e Ceuta;
 Da Mauritania fieio;

Albuquerque, Almeidas, Castros, Gamas,
 Que fizestes tremer o Indo e o Ganges,
 Saldanhas, Mascarenhas, destémidos,
 Assombroso Pacheco:

Eia, vinde, accodi aos vossos Lares:
 Hum Totila cruel, hum Alarico,
 Hum Atila soberbo, hum Odoacro,
 Da Gallia se levanta:

Hervulos, Godos, Hunos, Visigodos,
 Menos barbaros erão que as falanges
 Do Corso, de conquistas mais sedento
 Que o filho de Philippe.

Do Polo de Callisto até o Antartico,
 Alecto espalha a guerra ardente,
 Sacode Erynneis o funesto faze,
 Convulsa a terra treme.

I tração, a vil tração, precede os passos
 Do Despota fatal, que o mundo abate,
 Na boca a protecção, a paz no rosto,
 No coração perfidia.

Já profanado tem por vezes duas
Do Douro illustre as margens aguerridas,
Qual sanhudo leão, derriba, mata,
De preza não se farta.

Eia, vinde... Mas não. Em paz tranquilla
Os prazeres gozai, que merecestes:
Inda brilha o valor, inda se alverga
Nos peitos Portuguezes.

Em vossos netos vivem destemidos
Os valentes Milthiades. Os campos
De Marathonía vê tintos de sangue
O soberbo Dario.

Os fidos Espartanos, que trocarão
Por nome sempiterno a doce vida,
De Xerxes contra as forças assombrosas
Trezentos pelejando,

Que mais fizerão que os valentes Lusos;
Ao Principe fieis, á Patria firmes,
Do Cávado nas margens, e do Douro,
Os Gallos destroçando?

Posthumios, Fabios, Manlios e Camillos;
Vede novos Tarquinios, novos Brennos,
Que aos Lusos as cadêas promettião,
Mordendo a dura terra.

Zama de Scipião a gloria canta,
 O Africano vencendo que no Trebia.
 Em Cannas, em Tesino, em Trezumeus,
 As Aguias abatera.

Machado, Bacellar, fonte Sityra,
 Impavidos encarnos, vences, e luto,
 Os soberbos Flaminios, nos a vitória
 Antra a vitória.

De Jena o vencedor e luto e luto,
 Co'os triunfos pomposos machinado,
 O ferro Portuguez provar não oua,
 Tremar a tua, e foge.

res que outra vez vira o Salado,
 ue, Aljubarrota, linhas d'Elvas,
 em nossos dias virão renovados
 Do Minho os fertes campos.

linhas de Aljubarrota, Tejo, e Zezere,
 linhas de Aljubarrota, Tejo, e Zezere,
 linhas de Aljubarrota, Tejo, e Zezere,
 linhas de Aljubarrota, Tejo, e Zezere.

Fanitem o nome teu meus versos honre,
 Generoso Wellesley, filho de Marte,
 Não os teus heróicos defensores
 Dos seus heróicos feitos.

Desta arte o grande Affonso, socorrido
Do Gualtero, Guilherme, desbarata
Os filhos de Ismael que Lusos guardão
A feroz Lisboa

Abate; e os seus reinos destruidos,
Que da Patria se desbarataram,
Dos Lusos o louvor vertido a todo,
A fama á eternidade

F I M.